

## **Proximidades entre o romance de 30 e a literatura juvenil contemporânea: uma análise de *Lis no peito*, de Jorge Miguel Marinho**

*Elizabeth da Penha Cardoso\**

### **Introdução**

É frequente o alijamento da literatura infantil e juvenil do amplo sistema literário. Como se essas manifestações artísticas e literárias não estivessem em diálogo com as demais obras, mas, sim, se realizassem em universo paralelo, apartado por uma redoma constituída ora por nebulosos critérios de qualidades, ora por insustentáveis recomendações etárias e, na maior parte das vezes, por preconceitos. No contexto da disciplina de Literatura Infantil e Juvenil, que ministro no Programa de Estudos Pós-graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, e dos debates abrigados pelo Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil da mesma instituição, venho questionando esse posicionamento.

Este trabalho aponta as relações entre as principais tendências do romance de 30 (“regionalismo” e “intimismo”) e a literatura juvenil contemporânea. Independentemente das discordâncias e das falsas questões que a dicotomia entre “social” e “psicológico” geraram, sabe-se da forte influência que as correntes regionalista e intimista exercem na prosa brasileira. Mas qual seria o diálogo estabelecido entre os autores de literatura juvenil e essas correntes literárias? Aqui será analisada, mais especificamente, a presença da prosa voltada à introspecção na atual produção para jovens. A análise textual destacará o romance *Lis no peito*, de Jorge Miguel Marinho (2005), não apenas pelo diálogo textual estabelecido com Clarice

---

\* Professora doutora do Programa de Estudos Pós-graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP. [elizcardoso@terra.com.br](mailto:elizcardoso@terra.com.br)

Lispector, mas também pelo modo como o autor leva jovens personagens e leitores à reflexão íntima e comovente sobre os afetos.

## **1 As principais tendências do romance de 30 e a literatura juvenil contemporânea**

No início da década de 1930, autores como Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Raquel de Queiroz, entre outros, renovaram o romance brasileiro com uma prosa vinculada à terra, à sociedade e aos problemas econômicos e históricos que os perpassavam. Eram os romances regionalistas ou sociais. Simultaneamente, Lúcio Cardoso, Barreto Filho, José Geraldo Vieira, Octávio de Faria e Cornélio Penna, entre outros, davam passos decisivos para o estabelecimento, no Brasil, de um texto marcado pela atmosfera ontológica, com ênfase nos conflitos individuais narrados de forma introspectiva, em que importava mais a maneira como os fatos contribuem na construção psicológica e moral das personagens do que os acontecimentos em si.

A visão dicotômica que traduziu este momento literário como a luta de dois polos, com o distanciamento histórico, perdeu força. Hoje, lê-se intimismo em Graciliano e regionalismo em Cardoso<sup>1</sup> e o clima tenso da década não impediu que as duas vertentes, somadas às propostas do movimento modernista, se tornassem referência para escritores brasileiros da segunda metade do século XX e primeiros anos do século XXI. O romance regionalista, que já herdava toda a tradição da “literatura empenhada” dos primeiros anos de nossas letras, desdobrou-se no neorrealismo e ainda hoje continua vigoroso nas páginas de Marcelino Freire, Maçal Aquino, Luiz Ruffato e Paulo Lins, entre outros. A prosa intimista colaborou com a criação de um ambiente literário favorável a prosadores como Clarice Lispector, Autran Dourado, Milton Hatoum, Adriana Lisboa e Bernardo de Carvalho, por exemplo.

Mas como a literatura infantil e juvenil aderiu (ou não) a essas tendências?

A perspectiva comparada adotada vincula-se aos estudos de Bakhtin e Kristeva, que advertem sobre as limitações de pensar a literatura como um processo linear, harmônico, evolutivo ou progressivo, que encontra coesão por meio de obras terminais, as quais, sucessivamente, renovariam o sistema literário com abordagens inéditas. Assumo que é mais proveitoso considerar a literatura no âmbito de um “vasto sistema de trocas” (PERRONE-MOISÉS, 1990). No entanto, correntemente, quando pensamos

---

<sup>1</sup> Desenvolvo tais aspectos no livro *Feminilidade e transgressão – uma leitura da prosa de Lúcio Cardoso*, publicado em 2013 pela Editora Humanitas/Fapesp.

nessa direção não incluímos a literatura infantil e juvenil no fluxo de textos que formam o sistema literário – essa literatura fica apartada.

Nesse sentido, o objetivo geral aqui é mudar a perspectiva e começar a interpretar a literatura infantil e juvenil como um texto que recebe influência e influencia a literatura em geral e o principal argumento para tal abordagem é a centralidade da literatura para crianças e jovens na formação de leitores. Os futuros leitores das páginas para adultos.

## **2 Matizes de leituras das obras para crianças e jovens**

A pesquisa e a interpretação da obra infantil e juvenil acionam várias disciplinas, porém, frequentemente, não está em jogo aí uma atitude hermenêutica, mas, sim, uma disputa pela perspectiva mais utilitária ou benéfica para a formação da criança e do jovem.

João Luís Ceccantini (2004), em seu artigo *Perspectivas de pesquisa em literatura infantojuvenil*, considera que a pesquisa sobre literatura infantojuvenil insere-se num campo de tensões, por ser “resistente ao enquadramento em definições precisas e à clara delimitação e descrição, situando-se numa espécie de limbo acadêmico, que o transforma, por vezes, em propriedade de todos e, ao mesmo tempo, de ninguém” (CECCANTINI, 2004, p. 20).

Assim, diversas áreas (Psicologia, Pedagogia, História, Teoria Literária, entre outras) assumem a missão de definir e interpretar a literatura infantil e juvenil<sup>2</sup>. No entanto, a presença de múltiplos saberes e o consequente acionamento de várias disciplinas para ler o fenômeno literário voltado para crianças e jovens não é exclusivo da literatura infantil e juvenil, esse mecanismo é próprio da literatura. É preciso cuidado para não deslocarmos essa expressão artística para muito longe do literário. É preciso duvidar e refletir sobre afirmações como a de Peter Hunt sobre tratar-se “de um tipo de literatura cujas fronteiras são muito nebulosas; não pode ser definido por características textuais, seja de estilo, seja de conteúdo” (HUNT, 1990, p. 1). Tal traço torna a

---

<sup>2</sup> Completa Ceccantini: “Se, num primeiro momento, o processo ocorre sobretudo entre o campo das Letras e o da Educação, num momento posterior abrange outras áreas, como a Psicologia (nas suas muitas variantes – Social, Cognitiva, Psicanálise etc.), as Ciências da Documentação e da Informação (Biblioteconomia), a Antropologia, a História, a Sociologia ou a Semiótica, transformando a literatura infantil num campo por essência interdisciplinar [...]” (CECCANTINI, 2004, p. 22).

literatura infantil e juvenil “um tipo de literatura” ou a torna literatura propriamente dita?

Na atualidade, dentro das disputas disciplinares da pesquisa voltada para a literatura infantil e juvenil, é comum a recepção da literatura infantil e juvenil ficar vinculada às questões didáticas e educacionais. Compreende-se, basta verificarmos que frequentemente os autores que deram corpo à área estavam vinculados ao setor de Educação e que o maior comprador de livros infantis e juvenis é o Estado, para distribuição em escolas. De modo geral, a leitura da literatura para crianças e jovens apresenta forte comprometimento com os temas educativos, didáticos e morais. A produção para crianças é feita sob a perspectiva do que o adulto deseja que a criança veja (ROSEMBERG, 1985). O que se propõem aqui é ler a literatura infantil e juvenil prioritariamente da perspectiva da literariedade. Assim, temas tabus, como violência, pobreza e morte, poderiam ser lidos em diálogo com o romance de 30, e toda a tradição do realismo.

Livros como *O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta* (2007), de Joel Rufino dos Santos, *Favela* (2013), de Dilvia Ludvichak, *O chefão lá do morro* (2014), de Otávio Junior, e *Amanhecer Esmeralda* (2005), de Ferréz, são obras que podem ser lidas na tradição do romance social ou regionalista, com a primazia das questões sociais. Assim como *Sapato de salto*, de Ligia Bojunga, está no limiar das questões sociais que desencadeiam reflexões existenciais de seus jovens personagens e leitores. E livros como *O mistério do coelho pensante* (1967), de Clarice Lispector, *O fazedor de velhos* (2008), de Rodrigo Lacerda, *Tão longe... tão perto* (2007), de Silvana de Menezes, e *Vovô virou árvore* (2009), de Regina Chamlian e Helena Alexandrino, são exemplos de obras para crianças e jovens que mergulham nas questões do sujeito com o mundo e consigo mesmo. São personagens dedicadas a “pensar quem sou eu”, no que é o tempo, como será possível amar e ser amado e lidar com os danos e as culpas, no que é a morte, como alguém se torna o que é.

Seriam essas questões didáticas, morais, filosóficas, psicológicas? Sim, não fosse o fato de estarem mediadas pelo literário, que estabelece diálogos com os outros saberes em um jogo entre textos que deve ser lido com a postura hermenêutica já tradicional nas leituras críticas da literatura em geral. Desse modo, uma leitura da produção literária para crianças e jovens que estabeleça analogias com a tradição e o sistema literário pode contribuir com a fortuna crítica da área, indicando caminhos

interpretativos mais livres dos expedientes didáticos, consolidando o livro infantil e juvenil no campo do literário.

Segue aqui uma pequena contribuição: o diálogo entre da obra de Jorge Miguel Marinho, *Lis no peito*, e a tensão interiorizada no romance brasileiro.

### 3 Intimidade e subjetivismo em *Lis no peito*

Jorge Miguel Marinho tem conseguido êxito de crítica e público por sua produção de literatura juvenil. Tome como medida seus prêmios: *Na curva das emoções* (Prêmio FNLIJ – Altamente indicado para jovens; Prêmio APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte – 1990); *Te dou a lua amanhã...* (Prêmio Jabuti de 1994; em 2005, integrou o Catálogo de Bologna); *O cavaleiro da tristíssima figura* (Prêmio HQMIX – Adaptação para outro veículo); *O amor está com pressa* (Prêmio FNLIJ, 2003, para o Acervo Básico Jovem); *O amor em tom maior*; *Lis no Peito: um livro que pede perdão* (Prêmio Jabuti de 2006, Prêmio FNLIJ: Altamente Recomendável, e Prêmio FNLIJ: Melhor livro para jovens. Também integrou o Catálogo White Ravens da Biblioteca de Munique em 2006 e o Catálogo de Bologna, 2006); *Uma história, mais outra e mais outra* (Prêmio FNLIJ: Altamente Recomendável e inclusão no Catálogo de Bologna em 2007).

Os títulos já indicam que a atenção do autor está voltada para o que passa dentro das gentes. O romance *Lis no peito: um livro que pede perdão*, de 2005, apresenta três características marcantes. A primeira é o comovente percurso da entrada de um adolescente no mundo dos afetos englobados nas relações amorosas entre homens e mulheres. A segunda, a intertextualidade com os escritos (ficção e relatos pessoais) de Clarice Lispector. A terceira, é sua opção em fazer um livro sobre livros e leitores para dar corpo estético e artístico para as duas dimensões anteriores.

O narrador de *Lis no peito* conta como assumiu, e ao mesmo tempo realiza, a missão de pedir perdão ou desculpar-se em nome de um amigo que cometeu um erro. “É que prometi escrever a história de Marco César, o meu amigo, e posso salvar ou condenar esse rapaz. [...] Mas quero o perdão para ele, [...] amizade boa se derrama e dá sentido a vida da gente, até parece que nunca houve um antes nem um depois”, afirma o narrador em trechos das páginas 13 e 22<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> A obra consultada é da quarta edição, 2011, editora Biruta, conforme consta nas referências bibliográficas. Doravante, toda vez que uma citação do livro aparecer, indicarei apenas a página.

O erro que merece esse esforço é muito parecido com o da *Mulher que matou o peixe*, de Clarice Lispector. Ambos mataram um animal inocente e agora, por meio da literatura, pedem perdão aos leitores.

O herói de Marinho é Marco César, um jovem pouco sociável que se descobre apaixonado e a preste de dar seu primeiro beijo de amor, mas não sabe bem como lidar com essa confluência de sentimentos. O narrador colabora ao frisar suas tendências filosóficas e em certos pontos chega a abandonar Lispector, para ficar bem próximo de Lúcio Cardoso e sua penumbra espiritual. “Marco César sabe que um perdão pode condenar muito mais uma pessoa porque não se varre a culpa com um castigo, e o crime fica solto e pesado como dor sem ressalva, delito da nossa própria conta, pena e até mesmo dano voluntária” (p. 13).

A moça que chamou a atenção de Marco César é Clarice, sensível, delicada, leitora contumaz e admiradora de Clarice Lispector. A literatura as une.

Clarice não era fanática por nada, nem mesmo por Clarice Lispector, o que era uma vantagem para a Clarice que lia aquelas histórias extraordinárias sendo reveladas nas coisas mais banais. Vantagem também para a Clarice que escrevia em guardanapos de papel, nos talões de cheque, nas margens brancas dos livros e dos jornais, porque escrever era como morrer por um instante, interrompendo o fluxo mais que necessário da respiração. Provavelmente se uma das Clarices conhecesse a outra, as duas seriam amigas para sempre e iam rir e chorar juntas desvendando as coisas imaginadas, partilhando as coisas reais como duas mulheres que se descobrem morando no mesmo livro e se tornam cada vez mais íntimas aproximando a mão que escreve dos olhos de quem lê (p. 49).

Aproximar-se de Clarice é difícil para Marco César, que se transforma em leitor para se aproximar de Clarice, mas acaba tomando gosto verdadeiro pela leitura. “Leu, leu muito as histórias de Clarice Lispector, depois leu se achando e se perdendo, que é a melhor forma de ler e viver, pelo menos para ela, a Clarice escritora, que ele [Marco César] ia descobrindo desvelando e revelando como uma dor que quase boa” (p. 156).

Mas a distância da Clarice se amplia ainda mais quando um outro personagem entra em cena. Jarbas, possivelmente homossexual, também sensível e leitor contumaz, e visto por Marco César aos beijos com Clarice – dentro da biblioteca, por entre estantes de livros, justamente no espaço vazio antes ocupado por um exemplar de *A via crucis do corpo*, de Lispector.

Marco César cai na ira do ciúme e acaba violentando os livros de Lispector que Clarice lê e, por fim, mata um passarinho e coloca o sacrifício dentro de um dos exemplares, chocando Clarice. A culpa o corrói e, então, ele convoca um autor (o narrador) recém tornado seu amigo, após uma palestra na escola, a escrever sobre sua história com a finalidade de conseguir o perdão. O escritor aceita o desafio no estilo de Lispector:

[...] Procuo como Clarice procurava quando precisava urgentemente escrever e atirava palavras na vida como quem atira iscas no anzol para agarrar o que ainda não se entende. [...] A gente vai rabiscando a página, jogando nomes ao acaso, iscando e ciscando a vida para pegar o que está dentro das palavras: as emoções. Às vezes, ou quase sempre, é um tormento fazer as palavras combinarem com as ideias, os pensamentos, as emoções que se chocam dentro de nós como blocos de gelo navegando em água turva, farpas imantadas e boiando tontas em mar estranho (MARINHO, 2005, p. 12).

O trecho tem espelhamento em *Água viva*: da autora.

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente (LISPECTOR, 1973, p. 25).

Tal é a estratégia do narrador-escritor-advogado de defesa de Marco César: convencer o leitor de que as pessoas são tão verdadeiras e bem-intencionadas até o limite de sua dor e da confusão de seus afetos. Tensão que diz respeito a todos nós seres múltiplos, cindidos<sup>4</sup> e constantemente carentes de perdão. Para tanto, lança mão de argumentos diretos, “Marco César não teve a intenção, não mesmo, eu posso jurar. Ainda mais ele que não tinha coragem de matar uma barata ou qualquer outra coisa viva”, e indiretos (p. 124). Nesse caso, recorre as inúmeras referências textuais de Clarice Lispector, pois, para ele, ambos (Lispector e Marco César) estão no mesmo patamar, “Não, ele não. Imagine se ele que amava os bichos como Clarice Lispector [...]” (p. 124).

---

<sup>4</sup> Freud, desmontando valores seculares sobre a racionalidade humana, postulou que o sujeito é um ser cindido pela sua porção consciente/racional e pela atuação constante de sua porção inconsciente, a qual não controla. Na obra *Cinco ensaios sobre a psicanálise*, Freud escreve que a psicanálise evidencia que além do Eu não estar no comando, ele também não sabe de tudo e deve contentar-se com fragmentos do que acontece fora da consciência.

O outro desdobramento de Lispector se dá na entrega vertiginosa que as personagens leitoras (Clarice, Jarbas, o narrador e mais tardiamente Marco César) fazem da literatura – um espaço para sofrer, ressuscitar, amar, descobrir-se e perder-se.

*Lis no peito* traz páginas juvenis com intenso diálogo com o cânone da literatura nacional dedicado à introspecção e vai mais além, justamente por destinar-se ao jovem leitor *em formação* – como todos os bons leitores de qualquer idade e repertório.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Elizabeth da Penha. *Feminilidade e transgressão* – uma leitura da prosa de Lúcio Cardoso. São Paulo: Editora Humanitas/Fapesp, 2013.

CECCANTINI, João Luís. Perspectivas de pesquisa em literatura infanto-juvenil. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2004. p. 19-37.

FREUD, Sigmund. *Cinco Ensaios sobre a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.

\_\_\_\_\_. *A mulher que matou o peixe*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MARINHO, Jorge Miguel Marinho. *Lis no peito: um livro que pede perdão*. São Paulo: Biruta, 2011.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivainha*. São Paulo: Campanha das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985.

*Data de submissão: 05/10/2015*

*Data de aprovação: 15/10/2015*